

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA - MULTIMEIOS E INFORMÁTICA EDUCATIVA

JAQUELINE DALPIZZOLO

TELEVISÃO, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO:
UMA VISUALIDADE CRÍTICA

PORTO ALEGRE
2007

JAQUELINE DALPIZZOLO

TELEVISÃO, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO:
UMA VISUALIDADE CRÍTICA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura, do Curso de Pedagogia Múltiplos e Informática Educativa, da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Doutora Maria Beatriz Furtado Rahde

PORTO ALEGRE
2007

JAQUELINE DALPIZZOLO

TELEVISÃO, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO:
UMA VISUALIDADE CRÍTICA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura, do Curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 10, dezembro de 2007.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Maria Beatriz Furtado Rahde

Prof^a Dr^a Ana Beatriz Delacoste

Prof^a Dr^a Helena Sporleder Côrtes

Dedico este trabalho a todos aqueles que
de alguma forma, contribuíram, ou não,
para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizarmos essa etapa é momento de agradecer

- à minha querida “mãe por escolha e do coração”, amiga, e até orientadora, Maria Beatriz Furtado Rahde. Não tenho como explicar em palavras o quanto ela foi, é, e será importante na minha caminhada pessoal e acadêmica. Bea, um abraço sincero é o que posso te dar neste momento!

- à Prof^a Helena Sporleder Côrtes pela oportunidade de iniciar a vida como pesquisadora.

- à minha mãe de verdade, e também do coração, Maria Helena Silver, por todo o apoio, carinho e dedicação destes 25 anos de passadas longas e fortes. E pelo incentivo nos momentos de fraqueza e dificuldade.

- à família, pela confiança depositada em mim e pelo apoio nas horas que eu mais precisava, pelas bagunças, quando eu precisava de silêncio e pelas festas que trouxeram tantas alegrias para aliviar as tensões. E à Imala, pelo carinho e fidelidade.

- aos amigos incondicionais, por estarem sempre do meu lado. Que auxiliaram nos momentos de tristeza, e que percorreram esta etapa comigo em especial Êmili, Elton, Joice, Ândrius, Klaus, Jeanisse, Clarice, Neto, Janine, Felipe, Marlos, José Carlos e Douglas.

- Mari, Kátia, Mama e Vivi: Amo vocês!!!

Agradeço ao apoio recebido da ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, da Fundação W.K. Kellogg, e do Instituto Alana no âmbito do Programa InFormação – Programa de Cooperação para a Qualificação de Estudantes de Jornalismo.

“Os conteúdos, reflexões e opiniões constantes deste trabalho, bem como do Projeto que a ele deu origem, não representam, necessariamente, as opiniões da ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Fundação W.K. Kellogg e Instituto Alana”.

“O Brasil não tem povo, tem público”.

Lima Barreto

There is nothing wrong with your television set. Do not attempt to adjust the picture. We are controlling the transmission. If we wish to make it louder, we will bring up the volume. If we wish to make it softer, we will tune it to a whisper. We will control the horizontal. We will control the vertical. For the next hour, sit quietly and we will control all that you see and hear. You are about to experience the awe and mystery which reaches from the inner mind to the Outer Limits.

The Outer Limits

Não há nada de errado com seu aparelho de televisão. Não tente ajustar a imagem. Nós estamos controlando a transmissão. Nós vamos controlar a horizontal. Nós vamos controlar a vertical. Durante a próxima hora, sente-se calado e deixe que nós controlemos tudo o que você vai ver e ouvir. Você está prestes a experimentar o pavor e o mistério que se estende das profundezas da mente aos Limites do Exterior.

The Outer Limits

RESUMO

A necessidade de reconhecer o papel da televisão como meio de comunicação de massa na formação de sujeitos conscientes, frente a programas destinados à informação e entretenimento, envolve o compromisso de utilizar esses programas para também estimular o desenvolvimento crítico de crianças e jovens.

Impõe-se a necessidade de levantamento de dados para encaminhar algumas considerações que influenciem na metodologia utilizada por professores de educação básica, desenvolvendo o pensamento crítico-reflexivo nos estudantes. Para tanto, esse projeto vai procurar estruturar para docentes, técnicas específicas de apropriação dos conteúdos e informações veiculados pela televisão aberta, como alternativa de enriquecimento da formação crítico-reflexiva de seus alunos, a partir de revisão teórica.

Palavras-chave: educação - mídia - televisão

ABSTRACT

There is the need to recon the role of television as a means of communication which forms conscious subjects, in opposition to programs which simply inform and entertain children and young people.

It is necessary to gather data to orient the methodology utilized by teachers of basic education in order for them to develop the critical-reflexive thinking of students. Thus, this project will provide specific techniques of appropriation of contents and information present in regular programs of the open television channels, as a means of enriching the formation of critical-reflexive thinking of their students, after a preliminary theoretical revision.

Key-words: education, media, television

SUMÁRIO

1	CONTEXTUALIZAÇÃO	11
1.1	INTRODUÇÃO.....	11
1.2	JUSTIFICATIVA	12
1.3	OBJETIVOS	13
1.4	METODOLOGIA.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	DA EDUCAÇÃO	15
2.1.1	Papel da educação – Educação o que é?.....	16
2.1.2	Novas tecnologias como suporte da educação	19
2.1.3	A TV como recurso educacional	21
2.2	DA COMUNICAÇÃO	24
2.2.1	Televisão.....	25
2.2.2	Telejornal.....	27
2.3	DO USO DO TELEJORNAL NA EDUCAÇÃO	32
2.3.1	Propostas/metodologias de trabalho com telejornal em sala de aula.....	34
3	DA ANÁLISE	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
5	REFERÊNCIAS	53

LISTA DE QUADROS

Exemplo de reportagem para adaptação	48
--	----

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

O curso Pedagogia Multimeios e Informática Educativa da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul mantém parceria com a Faculdade de Comunicação Social e da Faculdade de Informática da mesma universidade, uma vez que tem como objetivo formar pedagogos em multimeios e informática educativa. Desta forma é relevante o interesse pelos meios de comunicação, sendo esta razão pela qual elegeu-se a televisão como fator mediador dos processos de ensino e de aprendizagem nesta pesquisa.

Por estar presente na grande maioria dos espaços sociais, seja nas residências, escolas, salas de espera, a importância que a televisão exerce como meio de comunicação de massa, é bem maior do que outros veículos, tais como o computador e a internet, uma vez que estes últimos ainda não são maioria na realidade brasileira. Desta forma, estudar a contribuição da televisão, não só como meio de entretenimento, mas também como forma de conscientização de professores e alunos de que esta mídia pode estar presente no ambiente formal de ensino para formação do pensamento crítico-reflexivo, deveria ser preocupação constante em nossas escolas.

Educar crianças e jovens para a mídia surge da necessidade contemporânea de aproximar os conteúdos estudados na escola e os conteúdos vividos fora dela, em que a comunicação é onipresente.

O cotidiano dos jovens se encontra cada vez mais repleto de idéias, mas frequentemente, elas estão alijadas do mundo da sala de aula, um lugar que, muitas vezes, permanece indiferente às posições da vida sem uma preocupação maior com processos de ensino da realidade e os seus resultados. (RAHDE, 1997, p. 58)

As novas idéias que o ambiente fora da escola apresenta, são razões suficientes para serem incluídas em sala de aula e, desta maneira, é relevante que o professor adicione as formas convencionais de ensino a essas novas tecnologias, enriquecendo e motivando seu aluno para a realidade em que ele vive.

Diante dessas considerações cabe informar que este projeto foi contemplado com uma bolsa-auxílio pela ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Fundação W.K. Kellogg, e Instituto Alana no âmbito do Programa InFormação – Programa de Cooperação para a Qualificação de Estudantes de Jornalismo.

1.2 JUSTIFICATIVA

A TV faz parte de nossa cultura desde a década de 20, e por maiores imperfeições que possa ter a programação aberta, esta é veiculada na grande maioria dos lares brasileiros 24h por dia, sete dias por semana. A informação, portanto, está sempre presente. Enquanto estamos sujeitos às informações do mundo a todo momento, as crianças em idade escolar, de modo especial, não têm o discernimento crítico para saber o que lhes é favorável à aprendizagem. Sabemos que a grande maioria das pessoas adultas também necessitam de algum fator mediador para a construção de seu conhecimento. Assim os educadores, não podem aprovar uma educação sem reflexão, portanto ensinar para e com a TV é ensinar a ver o mundo com prudência e criticidade, desmitificando a certeza da veracidade dos fatos comunicados pela televisão.

Sylvia Magaldi (in MORAN, 2005) diz que não é possível ignorar a TV e como ela afeta a todos, pois o sujeito é capturado por meio de estímulos sensoriais e emocionais.

Para o jornalista e crítico de televisão Eugênio Bucci (A QUESTÃO, 1998), “saber ver criticamente a televisão é condição básica para o exercício da cidadania”. O jornalista considera que a escola pode ser “um canal pelo qual as crianças possam se manifestar, verbalizar, elaborar, por que vêem televisão, o que gostam de ver na TV, o que as atrai (...) O importante é saber usá-la para a vida, sem ser usado por ela”. José Manuel Moran (2005) refere que a televisão vem sendo deixada de lado pelos educadores que acreditam já dominar a linguagem e a utilização dela na educação, sendo deslumbrados com as possibilidades do computador e da internet. Porém, não é possível esquecer que a grande maioria das crianças e jovens no Brasil ainda passam muitas horas do seu dia em frente à televisão. Moran afirma que “A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm

fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos – levam para a sala de aula.” (2005, p. 97).

Ao mesmo tempo, a televisão é uma fonte de sedução na comunicação de massa. Ela pode deslocar verdades, (Baudrillard, 1991), deturpando o sentido do discurso, o que torna a notícia, desta forma com efeitos maiores ou menores na sua força sedutora.

Percebe-se, portanto, que estar discutindo a interferência desta mídia de massa em relação ao desenvolvimento das identidades individuais e coletivas visuais na formação de crianças e adolescentes, torna-se imprescindível, pois a utilização deste recurso em sala de aula auxilia no desenvolvimento crítico e responsável dos sujeitos envolvidos, bem como sua formação pessoal.

1.3 OBJETIVOS

GERAL

Utilizar a programação da televisão aberta em sala de aula para a reflexão crítica, comparando formas de notícias veiculadas.

ESPECÍFICOS

Reconhecer de que forma a televisão como mídia de massa pode influenciar, através de seus conteúdos, nas questões pessoal e social de seu público.

Estruturar aos docentes técnicas específicas de apropriação crítica dos conteúdos veiculados pela televisão aberta, como alternativa de enriquecimento da formação de seus alunos.

1.4 METODOLOGIA

Esta pesquisa seguirá a metodologia de pesquisa bibliográfica seguindo alguns passos considerados relevantes para uma visão compreensiva do assunto tratado, com a finalidade de estabelecer base teórica para futuros estudos. Conforme Azevedo e Souza (1995) proceder-se-á:

1. Identificação de problemática procedendo recorte da totalidade mais ampla.
2. Contextualização de problemática e definição dos objetivos.
3. Definição da forma de organização para análise e exposição.
4. Resgate crítico da produção teórica sobre o assunto, identificando diferentes perspectivas de análise e conclusões:
 - a. delineamento de hipóteses e indagações;
 - b. descrição e interpretação dos diferentes posicionamentos teóricos buscando semelhanças e divergências subjacentes;
 - c. sistematização e refinamento das interpretações.
5. Síntese coerente e concisa que esclareça sobre a problemática e possibilite descobrir ligações do assunto com outros problemas para ampliação da visão.

Estes passos deverão ser analisados com a utilização de técnicas específicas que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DA EDUCAÇÃO

Há séculos que filósofos, psicólogos, médicos e educadores apresentam e debatem teorias sobre como as pessoas aprendem e pensam. Este capítulo sobre educação usa como base nossa sociedade classista, como afirma Paulo Freire (1979), na qual cada indivíduo age como um fragmento dela, integrando e atuando de forma crítica e justa no processo de construção de seus conhecimentos, refletindo na sociedade em que vive.

Sendo assim, defino aqui, algumas teorias de aprendizagem que acredito apropriadas para traçar esse referencial teórico, nas quais baseio minhas vivências pedagógicas até esta etapa.

A teoria cognitivista de Jean Piaget considera que o processo de desenvolvimento é influenciado por fatores como: maturação (crescimento biológico dos órgãos), exercitação (funcionamento dos esquemas e órgãos que implica na formação de hábitos), aprendizagem social (aquisição de valores, linguagem, costumes e padrões culturais e sociais) e equilíbrio (processo de auto-regulação interna do organismo, que se constitui na busca sucessiva de reequilíbrio após cada desequilíbrio sofrido).

Acredito que a educação na visão Piagetiana, com base nesses pressupostos, deve possibilitar ao indivíduo um desenvolvimento amplo e dinâmico desde o período sensório-motor até o operatório abstrato, para a formação de homens “criativos, inventivos e descobridores”, de pessoas críticas e ativas, e na busca constante da construção da autonomia.

Kamii (2000), seguidora de Piaget afirma que

A essência da autonomia é que as crianças se tornem-se aptas a tomar decisões por si mesmas. Mas a autonomia não é a mesma coisa que liberdade completa. A autonomia significa levar em consideração os fatos relevantes para decidir agir da melhor forma para todos. Não pode haver moralidade quando se considera apenas o próprio ponto de vista. Quando uma pessoa leva em consideração os pontos de vista das outras, não está mais livre para mentir, quebrar promessas e ser leviano. (KAMII, 2000, p.108)

2.1.1 Papel da educação – Educação o que é?

Tendo a educação um papel ativo de grande importância numa sociedade, pois “ninguém escapa da educação” (BRANDÃO, 1995, p. 7). Ela está no imaginário social, na forma de organização de grupos, é preciso uma certa homogeneidade na vida coletiva.

Assim o sociólogo Émile Durkheim define a educação como

a ação social exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina. (DURKHEIM in BRANDÃO, 1995, p. 71)

Stuart Mill citado por Durkheim, diz que a educação compreende "tudo aquilo que fazemos por nós mesmos, e tudo aquilo que os outros intentam fazer com o fim de aproximar-nos da perfeição de nossa natureza...". (MILL in DURKHEIM, 1973, p. 33). Rerefundo-se ao pensamento de Kant, Durkheim transcreve: “o fim da educação é desenvolver em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz” (1973, p.35).

Segundo o filósofo John Dewey (1956), a educação é uma necessidade social, que tem como finalidade propiciar à criança condições para que resolva por si própria os seus problemas. Os processos de ensino e de aprendizagem estão baseados numa compreensão de que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam de forma dinâmica, sendo que cada indivíduo detém suas próprias experiências que são aproveitadas nestes processos, o que possibilita uma aprendizagem essencialmente coletiva, assim como a produção de conhecimentos.

Essa interação social da qual discorre Dewey (1956), juntamente com o instrumento lingüístico são decisivos para o desenvolvimento. E é por meio da linguagem, que são fornecidos os conceitos, as formas de organização do real, a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É também, por meio dela, que as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas, portanto, sociedades e culturas diferentes produzem estruturas diferenciadas.

Existem, pelo menos, dois níveis de desenvolvimento identificados por Vygotsky (1987): um real, já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa.

A aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo abertura nas zonas de desenvolvimento proximal, nas quais as interações sociais são centrais, estando então, ambos os processos, aprendizagem e desenvolvimento, inter-relacionados. O desenvolvimento cognitivo é produzido pelo processo de internalização da interação social com materiais fornecidos pela cultura, sendo que o processo se constrói de fora para dentro.

A capacidade crítica está intimamente, ligada à criatividade, na qual a capacidade de inovar e de resolver problemas inesperados, bem como a capacidade de decidir autonomamente e o inconformismo, são manifestadas. O que normalmente acontece é que a maior parte dos indivíduos que não possuem o censo crítico estimulado, não teve a possibilidade de expressar e manifestar livremente a criatividade durante sua existência.

O papel do professor, no processo da construção crítica e criativa, é contribuir para o florescimento dessas potencialidades criativas e críticas dos alunos, orientando-os para a intervenção social e política, para a criação de cidadãos ativos e empenhados, nunca submissos nem conformistas. O ponto de vista de cada indivíduo de uma turma deve ser levado a sério, deve ser ouvido e repensado, contribuindo assim para o senso de cidadania a desenvolver em nossos jovens.

É preciso repensar a educação guiada pela simples reprodução do conhecimento, estruturada na aula repassada pelo professor e copiada pelo aluno. Pedro Demo (1994) questiona o poder transformador da educação, que impede o cidadão da construção da sua própria história. Na concepção do autor a educação não é só ensino, instrução, treino, mas, sobretudo, formação da autonomia crítica do sujeito histórico competente, partindo de situações simples para situações cada vez mais complexas.

Desta forma, entendo que é necessário ao professor estar em constante atualização a fim de que saia da qualidade de ministrador de aulas, através das quais, não deixa de ser um instrutor que sempre “ensina” os mesmos conhecimentos.

No livro “Para onde vai a educação” (1974), Piaget afirma que

falar em educação é, em primeiro lugar, reconhecer o papel indispensável dos fatores sociais na própria formação do indivíduo, a educação precisa formar indivíduos conscientes e autônomos, intelectual e moralmente, para que seja recíproco o respeito à individualidade de cada indivíduo aprendente. (PIAGET, 1974)

Segundo Demo (1997), a maneira para que o professor alcance qualidade intelectual para desenvolver suas atividades é a pesquisa. O autor afirma que a pesquisa “(...) não é ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e sociedade nos impõem.” (1997, p. 16). Afirma ainda que a pesquisa deve ser entendida como “capacidade de elaboração própria”, que deve estar presente na atitude diária do professor; a pesquisa também pode ser entendida como diálogo inteligente com a realidade, vendo essa como um comportamento cotidiano do professor.

Para isso é necessário repensar a metodologia aplicada em sala de aula, e dar lugar às práticas aplicadas ao dia-a-dia dos aprendentes, como afirma Malglaive (1995):

A prática está certamente no centro da nova maneira de ensinar que gostaríamos de preconizar. É necessário mostrar como o saber escolar se investe na prática, no que nela se torna, como é que se transforma sem negar, quer dizer, sem deixar de ser saber. (MALGLAIVE, 1995, p. 40)

Martins (1992) afirma que a postura do professor determina atitudes crítico-reflexivas de seus alunos, pois se são instigados a dialogar sobre suas aprendizagens, percebem as construções de sua subjetividade.

O professor que assume a postura transformadora trata seus alunos como sujeitos críticos, questiona a forma de construção do conhecimento, utiliza o diálogo como prática de seu ensino e, nesse diálogo, não apenas investiga e reconhece, mas também respeita a subjetividade de cada um (MARTINS, 1992, p. 123).

2.1.2 Novas tecnologias como suporte da educação

Uma prática pedagógica atual, sem o uso de tecnologias presentes na sociedade, é pouco admitida na contemporaneidade.

Mas o que é tecnologia?

Conforme Eduardo Chaves, tecnologia é

qualquer artefato, método ou técnica criado pelo homem para tornar seu trabalho mais leve, sua locomoção e sua comunicação mais fáceis, ou simplesmente sua vida mais satisfatória, agradável e divertida. Neste sentido amplo, a tecnologia não é algo novo - na verdade, é quase tão velha quanto o próprio homem, visto como homem criador (homo creator). (CHAVES, http://www.escola2000.org.br/pesquise/texto/textos_art.aspx?id=4, 2007)

As relações estabelecidas entre a educação e a tecnologia, são extremamente importantes na construção de conhecimentos acerca da formação crítica sobre as tecnologias (informática, televisão, mídia impressa e digital, etc.). Educar para a mídia e pela mídia, é também um desafio ao professor de sala de aula para transformar suas estratégias didáticas, porém, para isso, o professor precisa melhorar a sua qualificação enquanto usuário das mídias. Joan Ferrés, na obra “Para uma tecnologia educacional” (1998), nos fala sobre a facilidade de utilizar meios tecnológicos audiovisuais para que uma aula seja significativa e mais atraente:

Diferentemente do que ocorre com a informática, o universo da comunicação audiovisual é, aparentemente, de todo acessível para qualquer tipo de usuário, tanto na escola como no lar. Enquanto a informática é vivida como um universo hermético, reservados ao iniciados, não há quem não se considere mais ou menos informado na área dos audiovisuais. Por exemplo, todo mundo se considera capaz de usar uma câmera de vídeo, mesmo que nunca tenha se dedicado à aprendizagem desta forma de expressão. (FERRÉS, in SANCHO, 1998, p. 127)

Helena Côrtes indica que utilizar-se dos recursos audiovisuais promove a aproximação da “vida vivida” da “vida estudada”, facilitando e propiciando a conquista do crescimento do “capital cultural” dos alunos, a autora afirma ainda que “Não podemos dar as costas para um meio de comunicação tão presente no cotidiano de nossos alunos; não podemos desprezar um recurso tão poderoso, quando vivemos protestando contra a falta generalizada de recursos que assola o ambiente escolar” (CÔRTEZ, in FERREIRA, 2003, p. 29).

Libâneo (2001) defende que na escola os alunos aprendam a buscar a informação nas diversas mídias, e aprendam a analisar criticamente dando significados pessoais à essas informações. “A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação.” (LIBÂNEO, 2001, p. 26). Portanto, segundo Libâneo, a pessoa do professor é indispensável, porém é necessário uma transformação da sua postura motivadora e incentivadora do pensamento crítico, da criatividade, tornando-se um “novo professor”, e este “novo professor precisaria, no mínimo, de adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação, habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias.” (LIBÂNEO, 2001, p. 28-29)

O professor há de ter sensibilidade para entender e reconhecer o que seu aluno traz para a escola, e refletir com a turma o assunto trazido. Kemmis (1985 in: Perez Gómez, 1993) fala sobre a natureza do processo de reflexão,

1. A reflexão não é determinada biológica ou psicologicamente, nem é pensamento puro, antes expressa uma orientação para acção e refere-se às relações entre o pensamento e acção nas situações históricas em que nos encontramos.
2. A reflexão não é uma forma individualista de trabalho mental, quer seja mecânica ou especulativa, antes pressupõe e prefigura relações sociais.
3. A reflexão não é nem independe dos valores, nem neutral, antes expressa e serve interesses humanos, políticos, culturais e sociais particulares.
4. A reflexão não é indiferente nem passiva perante a ordem social, nem propaga meramente valores sociais consensuais, antes reproduz ou transforma activamente as práticas ideológicas que estão na base da ordem social.
5. A reflexão não é um processo mecânico, nem simplesmente um exercício criativo de construção de novas idéias, antes é uma prática que exprime o nosso poder para reconstruir a vida social, ao participar na comunicação, na retomada de decisões e na acção social. (KEMMIS, 1985 in: Perez Gómez, 1993, p. 103)

Pérez Gómez pondera que “a reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afectivas, interesses sociais e cenários políticos.” (PÉREZ GÓMEZ, 1993, p. 103) O papel do professor, desta maneira, está na condução da melhor forma de criticidade e reflexão, do assunto abordado pelos alunos. Conforme pesquisa de Azevedo e Souza et al(1992) “As crianças têm nas máquinas mais um fator de interesse pelo estudo... A sua utilização em sala de aula ajuda na aprendizagem de conteúdos...auxilia na

motivação em relação a novos conteúdos... por tratar-se de ferramenta moderna, contribui para a motivação dos alunos” (AZEVEDO E SOUZA et al, 1992, p. 19-20)

Távola (1984) afirma que a tecnologia não veio até a escola para substituí-la e sim para “subsistir” (sub/existir) na escola, tornando-se necessária a tripartição das tarefas docentes:

- 1) A tarefa da informação através dos meios de e do tipo de aculturação assistemática, que é educativa apenas em sua essência;
- 2) A tarefa do aprendizado para a qual os meios tecnológicos são indispensáveis, pois a sociedade vai continuar necessitando de pessoas aparelhadas e aptas às diversas funções (sociais, da indústria, do comércio, científicas, profissionais);
- 3) A tarefa de reconstruir os valores educacionais, pois a educação pragmática mostrou-se condutora de massificação e comportamento distanciados da vivência da própria integralidade, que é o grande anseio evolutivo do ser humano democratizado em profundidade (inteligência, sensibilidade e espírito). (TÁVOLA, 1984, p. 183)

Essas tarefas, referenciadas por Távola, vinte e três anos atrás, exprimem as tarefas dos professores hoje, quando além de apenas informar com os livros didáticos, pensamos na realidade vivenciada pelos alunos, usamos as notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, trazemos a realidade veiculada para dentro da sala de aula, e reconstruímos os valores humanos propiciando o progresso da criticidade.

2.1.3 A TV como recurso educacional

As tecnologias da informação e comunicação permitem que a mídia televisiva chegue a todos os lugares do planeta, com isso grande parte da população tem acesso a ela, constituindo-se assim um meio de comunicação de massa que invade o cotidiano e faz parte dele. O uso dessa tecnologia torna-se, praticamente obrigatório em ambientes coletivos, como salas de espera, bancos, academias de ginásticas, para entretenimento dos transeuntes.

Considerando que um dos maiores desafios da educação hoje é aprender de forma agradável, aproximando a realidade do educando, mediando o “aprender a aprender”, e despertando a consciência crítica para transformar conhecimentos; cabe o uso da TV como

elemento de formação na obtenção de resultados positivos na transformação dos telespectadores.

Em vez de tomar a tv como anestesiadora das crianças, fazendo-as passivas e inermes expectadoras, cabe aos pais e mestres, segundo seus princípios e critérios, retirar da tv um sem número de elementos sobre a indispensável convivência formadora com os filhos. No que erra e no que acerta, a televisão fornece informações vividas em comum pela família que a vê. (TÁVOLA, 1984, p. 185)

Távola (1984) sugere o uso de programas não didáticos para fins didáticos, afirmando que a importância está na questão cultural, onde a programação veiculada será o fator motivador e desencadeador dos processos de ensino e de aprendizagem. “O grande efeito cultural da televisão, e dele independe o conteúdo dos programas, é: a tv funciona como motivação ao conhecimento, seja de ciência, seja da vida, seja do ser humano ou animal.” (TÁVOLA, 1984, p. 193)

Porém, o uso contínuo e exacerbado dos produtos da mídia pode ocasionar rejeição em uma turma de alunos, e o mediador “deve ter cuidado de não acabar com o espírito lúdico do programa” (TÁVOLA, 1984, p. 195). Assim, a tecnologia deve ser empregada com parcimônia, regando sempre a aplicação com a prática desenvolvida.

E para que tenhamos uma educação voltada para o exercício da cidadania é preciso o desenvolvimento das faculdades críticas do sujeito, sendo assim cabe à escola, mais uma vez, a responsabilidade sobre esse aprendizado, que em épocas anteriores era da própria família, o que à época era muito mais praticado do que na contemporaneidade. De fato o envolvimento familiar era bem mais ativo, haja vista a presença materna constante numa época em que a mulher dedicava-se muito mais ao lar do que nos dias atuais.

...à educação cabe atualizar suas práticas tendo como referência fundamental esse novo universo, em que a alfabetização fonética deve ser agregada à alfabetização midiática. A escola precisa considerar que a consecução de suas finalidades educacionais passa, necessariamente, pela apropriação das novas linguagens estabelecidas/utilizadas pelos meios de comunicação de massa. Não há como formar telespectadores críticos, se não ensinarmos a perceber/dominar os códigos da linguagem televisiva, desvelando-a em suas diferentes manifestações e interesses. (CÓRTEZ in FERREIRA, 2003, p. 31)

E completa,

O que não pode mais ser postergado é a necessidade do desenvolvimento de uma consciência efetiva entre os educadores, no sentido de encarar com seriedade o estudo da televisão e de suas repercussões no imaginário e na realidade da vida individual e coletiva, preparando-se para considerá-lo em suas devidas proporções e organizando-se para tomá-lo como referência pedagógica em sua prática docente. (CÓRTEZ, in FERREIRA, 2003, p. 34)

Se o mundo hoje é formado por muitas imagens, principalmente da TV, o indivíduo não deveria viver em mundos distanciados: o mundo que o cerca e o universo da escola, desvinculado na realidade.

Na verdade, a TV recorta a realidade todos os dias. Mostra muito, mas esconde muito também. (...) A TV é uma grande máquina de contar histórias. Não que ela as invente, mas certo que ela as enfeita conforme suas conveniências políticas, ideológicas ou empresariais. Os retratos do mundo que nos são mostrados todos os dias pela TV constituem o mosaico com o qual tomamos conhecimento do que está acontecendo. E o desafio de quem faz ou de quem estuda televisão é aproximar cada vez mais o mundo da tela luminosa da TV. A lente que fará essa aproximação é a lente da verdade, manejada por um profissional ético e honesto (PORCELLO, 2005, p. 41)

Chadwick assevera que “cada indivíduo constrói sua própria visão da realidade que rodeia, desenvolvendo assim suas próprias estruturas, esquemas, maneiras de organizar a informação, os processos para obter e elaborar informação, etc.” (CHADWICK, 1987, p. 17). O uso da televisão em sala de aula torna-se relevante no desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo do aluno pelo professor, para que o telespectador do telejornal não aceite passivamente a informação, mas procure certificar-se por outras mídias a veracidade da notícia.

2.2 DA COMUNICAÇÃO

De acordo com MARTINO (2001), a etimologia do termo comunicação vem do latim *communicatio*, que significa romper o isolamento e praticar uma ação ou hábitos com outras pessoas.

Na comunicação, portanto, o homem utiliza-se de sinais devidamente organizados, emitindo-os a outras pessoas. Há, então, um emissor e um (ou mais) receptor(es) da mensagem. A mensagem é emitida a partir de diversos códigos de comunicação (palavras, gestos, desenhos, sinais de trânsito...). Qualquer mensagem precisa de um meio transmissor, o qual chamamos de canal de comunicação e refere-se a um contexto, a uma situação.

Sendo assim, são elementos da comunicação: o emissor, que emite a mensagem; o receptor, que recebe a mensagem; a mensagem, conjunto de informações transmitidas; o código, combinação de signos utilizados na transmissão de uma mensagem; o canal de comunicação, por onde a mensagem é transmitida (TV, rádio, jornal, revista, cordas vocais, ar, etc.), o contexto, situação a que a mensagem se refere, também chamado de referente; e não podemos esquecer-nos do ruído, que é qualquer perturbação que possa dificultar e até mesmo impedir a comunicação, porém, a comunicação só se concretizará, quando o receptor conseguir decodificar a mensagem.

A situação retórica por excelência, é aquela em que três elementos devem ser claramente discerníveis: “o que fala, aquilo de que fala e aquele que fala”. Com esta proposição, Aristóteles torna-se o primeiro teórico a formular a situação comunicativa por excelência. (HOHLFELDT, 2001, P. 78)

Quando o homem sentiu necessidade de comunicar, começou a pintar paredes de cavernas, evidenciando a divulgação da mensagem.

A divulgação de mensagens em grande escala, a rapidez com que elas são absorvidas, e a amplitude que atingem todo tipo de público, é chamada de comunicação de massa, na qual a sociedade aceita idéias e mensagens sem um pré-julgamento, entrando diretamente na “veia” dos indivíduos não existindo nenhuma barreira, tornando assim uma sociedade de consumo e global, sem restrições.

É necessário que se compreenda que comunicação é, também, produção de cultura quando há interação entre o comunicador e o receptor, este último não mais passivo, mas atuante na recepção e na capacidade de refletir, analisar e criticar o comunicado.

Pensamos numa educação para a mídia nesses termos, educar criticamente para que os sujeitos não aceitem passivamente as informações disponibilizadas pelos veículos de comunicação sem uma prévia análise.

Em épocas anteriores pensávamos poder acreditar em tudo que víamos nos noticiários, pois a imagem se apresentava com fidelidade aos fatos reais. Não havia grandes manipulações imagísticas devido ao fato da inexistência do computador com seus programas de edição de vídeo, som e fotos. As novas tecnologias vêm proporcionando tudo isso.

Neste mundo complexo e pleno de velocidade, de espetáculos espetacularizados, de novas tecnologias, em que o imaginário humano volta-se para novas culturas de massa, como a televisão, as imagens do cinema repletas de efeitos especiais, isto tudo se reflete também na estética interior interferindo e, por vezes, confundindo nossas percepções de uma macro estética, transformando-a e tornando a parte do nosso cotidiano social e cultural. A capacidade de transcendência do ser humano convive com a imanência, com a solidão da pessoa presa em condomínios, utilizando a rede para pagar suas dívidas, para adquirir bens via internet, sem mais necessitar comparecer às livrarias ou aos museus para folhear livros ou contemplar obras de arte. Com o advento do microcomputador, o viver se tornou mais prático e prazeroso: um concerto ao vivo numa sala de espetáculos ou o mesmo concerto num home theater poderá proporcionar a mesma sensação prazerosa de usufruir da beleza estética musical. (RAHDE & DALPIZZOLO, 2007, p.6)

2.2.1 Televisão

Televisão (do grego tele - distante e do latim visione - visão) é um sistema eletrônico de recepção de imagens e som de forma instantânea. Funciona a partir da análise e conversão da luz e do som em ondas eletromagnéticas e de sua reconversão em um aparelho - o televisor - que recebe também o mesmo nome do sistema ou pode ainda ser chamado de aparelho de TV. O televisor ou aparelho de TV capta as ondas eletromagnéticas e através de seus componentes internos as converte novamente em imagem e som. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o>)

Desde a década de 20 a televisão faz parte de nossa cultura, veiculando na grande maioria dos lares brasileiros 24h por dia, sete dias por semana. A informação, portanto, está sempre presente. Assistimos notícias, anúncios, filmes, detalhes de atores e celebridades, e assuntos gerais que ocupam o tempo e nos isolam da realidade.

Muitas vezes, as informações impõem padrões de vida e de felicidade a serem alcançados, com propagandas idealizadas frequentemente quase impossíveis para o alcance de todos, mas diante da televisão esses padrões apresentam-se como possibilidades fáceis de atingir.

De acordo com FERRÉS (1996) os indivíduos abdicam de sua liberdade pelos meios de comunicação e deixam-se ser controlados.

Como o tótem, a televisão é vestígio do que é sagrado, de que as tribos esperam todo tipo de benefícios. É a nova religião. E isso ocorre porque, recuperando o sentido etimológico do termo, provoca um re-ligare, ou seja, uma nova forma de ligar o cidadão com o mundo, uma nova forma de relacioná-lo com a realidade. Ao seu redor são celebrados os modernos rituais individuais, familiares e sociais. Os profissionais e os políticos, os artistas e os publicitários são os feiticeiros das novas liturgias que exorcizam demônios e prometem o paraíso. (FERRÉS, 1996, p. 7-8)

Em contrapartida BUCCI (1997) afirma que a televisão não domina os telespectadores, antagonicamente,

... ela consegue ordenar hábitos dispersos em códigos reconhecíveis e unificadores. Ela não determina o que cada um vai fazer ou pensar, não há um cérebro maquiavélico por trás de cada emissora procurando doutrinar a massa acrítica (embora existam tentativas nessa direção, não são elas quem produzem o sucesso na condução de uma emissora ou de uma rede); a massa de telespectadores não obedece irrefletidamente o que vê na tela (BUCCI, 1997, p. 12)

Por outro ângulo Dominique Wolton (1996) refere que a televisão é uma escola de tolerância

... no sentido em que somos obrigados a constatar que, na grade, os programas que não interessam são, ao menos, tão numerosos quanto aqueles que interessam. O que é uma prova, afinal, de que os gostos dos 'outros' até podem ser tão legítimos quanto os nossos! A convivência de programas no seio da televisão de massa é, portanto incontestavelmente, um fator de unidade social dos mais fortes, principalmente se levarmos em conta o impacto da televisão geralista. (WOLTON, 1996, p. 134)

Os três autores acima, falam de uma TV massificadora, que tem poderes, e sabe exercê-los de acordo com seus interesses, que são diferenciados e segmentados segundo a ética e ideologia de cada emissora. A jornalista e professora Cristiane Finger pondera que “a televisão não é considerada o meio mais confiável de informação. É que a lógica da linguagem televisiva está baseada no emocional e não no racional.” (FINGER, 2002, p. 86). O professor Flávio Porcello (2005), assevera que “A ideologia embutida na edição dos

telejornais é o que determina a superexposição de determinados temas e a ausência absoluta de outros, por certo os que mais interessam ao público em geral.” (p. 41)

É relevante observar que o artigo 1º do Capítulo 1 do Código de Ética da Radiodifusão Brasileira aprovado pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), em 8 de julho de 1993, diz que “Destina-se a radiodifusão ao entretenimento e à informação do público em geral, assim como à prestação de serviços culturais e educacionais”, portanto a comunicação de massa deveria ter como finalidade o papel de informar, entreter e educar de diversos modos, com conteúdos selecionados e desenvolvidos para seus determinados públicos.

2.2.2 Telejornal

Telejornalismo é a prática profissional do jornalismo aplicada à televisão. Telejornais são programas que duram entre segundos e horas e divulgam notícias dos mais variados tipos, utilizando imagens, sons e — geralmente — narração por um apresentador (chamado de âncora, no jargão profissional).

Os canais de televisão podem apresentar telejornais como parte da programação normal transmitida diariamente ou mais freqüentemente, em horários fixos. Às vezes, outros programas podem ser interrompidos por plantões de notícias (news flashes) em casos muito importantes e urgentes. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Telejornalismo>)

Neste momento consideramos relevante fornecer subsídios para a compreensão de como se processa um telejornal. O telejornal é um conjunto de notícias e acontecimentos editados e priorizados de acordo com o impacto. De acordo com Rahde (2000), em exposição didática em sala de aula na disciplina de Comunicação Comunitária, “o telejornal é resultado de um trabalho de equipe, ocorrendo num organograma vertical em que a priorização da matéria é definida de acordo com a ideologia da empresa de telecomunicação. Há uma chefia que determina a notícia.” E Bucci (1997, p. 49) completa: “O telejornalismo no Brasil é muito mais dramático do que factual. Organiza-se como ficção, e uma ficção primária: tem suspense, tem lição de moral, tem mocinhos e bandidos, os “do bem” e os “do mal”, como desenho animado de super-heróis.”

Os telejornais diários apresentam os fatos ocorridos durante um dia inteiro, de forma rápida e objetiva. E para que o telespectador se interesse por este veículo de informação, é preciso que o jornalista trate a notícia de forma atraente, contando a “história” do dia como um verdadeiro espetáculo. Bourdieu (1997) afirma que este profissional está sempre à prova de veredictos do mercado, do gosto da clientela telespectadora e dos índices de audiência.

Bucci (1997) afirma que o telejornal precisa chamar a atenção, surpreender e assustar, e não apenas informar. Para isso, é organizado como um “melodrama”. Refere o autor que “Os produtos do telejornalismo são produtos culturais e, nessa condição, fazem o seu próprio espetáculo para a platéia. Como se fossem produtos de puro entretenimento, buscam um vínculo afetivo com o freguês.” (BUCCI, 1997, p. 29).

(...) o telejornalismo é real porque se refere a algo que realmente aconteceu ou está acontecendo; imaginário porque esse real é “romanceado”, “dramatizado”, colorido com suspense e, portanto, torna-se irreal. (...) De fato, em muitos casos o telejornalismo se organiza como uma novela (telenovela) com reportagens que se assemelham a capítulos seqüenciais nos quais a informação é apresentada em pequenas partes cumulativas, com personagens convidados para explicar/representar cenas e situações, exemplificar casos e outros artifícios semelhantes. Assim, além de gêneros (telejornalismo/ficção) está presente não apenas na programação da televisão, mas dentro do telejornal em matérias especialmente produzidas e até mesmo no conteúdo da matéria jornalística factual. (TEMER, 2003, p. 39)

Para ilustrar Temer, podemos visualizar a cobertura da mídia sobre a morte do Papa da Igreja Católica Apostólica Romana João Paulo II. A grande maioria das empresas televisivas do mundo fizeram reportagens de grande porte sobre a vida e obra da personalidade do Sumo Pontífice intercalando com imagens do féretro, e os demais preparativos para o enterro. Dias depois, a eleição de um novo Papa em substituição a João Paulo II, outro grande espetáculo repleto de suspense, até a frase célebre “Habemus Papa” ser dita no dia 19 de abril de 2005. Ou seja, o telejornalismo ousou e usou de todos os recursos audiovisuais para dar ênfase e notoriedade à escolha feita pelos membros do Vaticano, na escolha de Joseph Ratzinger, denominado doravante Bento XVI, seguido de críticas e opiniões sobre o pontificado, e a vida pessoal do novo Pontífice. Outro exemplo, com a mesma proporção no Brasil e com a mesma personalidade foi a vinda de Bento XVI a São Paulo em maio de 2007. Todas as emissoras brasileiras noticiaram desde a partida do avião do Papa de Roma, até sua volta, atentas a todas as movimentações a fim de deixar a população brasileira informada, já que o Brasil é considerado o maior país católico no mundo, pois aproximadamente 74% de sua população se declara católica e a grande maioria estava “ligada” na trajetória do Pontífice.

De alguma maneira, na busca da atualização constante, para dar ao público o sentido de onipresença frente aos fatos, a mídia trata os acontecimentos e seus microacontecimentos como os episódios sucessivos de uma grande novela. Neste caso em especial, percebe-se que essa “novelização” produz aglutinações, como se disse anteriormente, nas diferentes tribos às quais se associam para desfrutar de mais e mais “novidades” a respeito do acontecimento central, repercutindo o agendamento da Tv. (PICCININ, 2007, p. 8)

De acordo com Azevedo (1979) existem fatores que influenciam na qualidade da notícia, aplicada tanto ao jornalismo, como ao telejornalismo. Uma delas é a novidade, ou seja a notícia deve conter informações novas, e não repetir as já conhecidas; a seguir o autor refere à proximidade. Quanto mais próximo do leitor ou do expectador se der o local do fato, mais interesse a notícia há de gerar, uma vez que fornece esta proximidade com o telespectador. Outro fator a ser considerado é a relevância da notícia: sua importância e significação dever ser levadas em consideração. Fatos corriqueiros, geralmente não mantém o interesse do telespectador.

O trabalho do jornalista é a observação e descrição de eventos, que são conhecidos como reportagem. “A norma básica diz que toda reportagem deve responder a seis perguntas fundamentais (traduzidas dos manuais norte-americanos)” (Rossi, 1980, p. 25):

O quê? O fato ocorrido.

Quem? O personagem envolvido.

Onde? O local do fato.

Quando? O momento do fato.

Por quê? A causa do fato.

Como? O modo como o fato ocorreu.

Essas perguntas inicialmente, segundo Rossi (1980), deveriam conduzir a informação, por isso chamam esse conjunto de perguntas de lead (em inglês “conduzir”). Conforme o autor o lead é encarado hoje como um resumo do fato noticiado, e os espectadores se interessam apenas pelo início de cada notícia. É composto de três a cinco linhas, escritas num estilo simples e leve. Poderá ter um só parágrafo, embora com mais de uma frase. O principal da informação deverá ser dito nesta linha, ficando a documentação para o parágrafo posterior. O Sublide, ou próximo parágrafo, deverá constar a seqüência da notícia, mas em escala de menor importância e com o mesmo número de linhas, dando uma idéia estética apreciável. A

partir do Sublide, então, será feito o histórico da notícia, com início, meio e fim. (Azevedo, 1979)

Porém, a essência da atividade do jornalista é a seleção, organização das informações na edição do jornal ou telejornal, passando pelas etapas a seguir:

Pauta

A pauta é a seleção dos assuntos do dia, conforme o Manual de Telejornalismo (2002) de Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, ambos jornalistas, “o texto da pauta tem que ser informativo, sucinto, com *lead* e *sublead*, uma vez que serve de roteiro para o repórter. O pauteiro também deve sugerir perguntas, mas sem cair no óbvio” (Barbeiro & Lima, 2002, p. 112). “O pauteiro deve planejar reportagens exclusivas, fugir do conceito enraizado ao longo do tempo de que o veículo eletrônico quando não está cobrindo o factual se limita a repercutir os jornais. É preciso criar.” (Barbeiro & Lima, 2002, p. 111).

Redação

É o tratamento das informações apuradas em forma de texto verbal. “a redação de uma TV deve levar em consideração a funcionalidade e a proximidade dos equipamentos e das pessoas. Se não houver organização, fatalmente a qualidade do trabalho será comprometida.” (Barbeiro & Lima, 2002, p. 149).

Edição

É parte final de todo o material coletado e redigido para o processo comunicativo, de forma hierárquica, coordenando o conteúdo das informações para sua apresentação.

“Editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda história a edição precisa de uma seqüência lógica que pelas características do meio exige a combinação de imagens e sons.” (Barbeiro & Lima, 2002, p. 100).

De acordo com consulta efetuada no site <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo>> pode se depreender que a "arte" do Jornalismo é escolher os assuntos que mais interessam ao público e apresentá-los de modo atraente. Nem todo texto jornalístico é noticioso, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística.

Por este motivo e de acordo com Rossi

Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 1980, p. 7)

De fato, podemos perceber que Rossi apresenta o jornalismo e o telejornalismo como algo de grande fascínio o que nos leva a inferir que aqueles que assistem um telejornal estão à espera de matérias empolgantes que os envolvam e os levem até o local dos fatos. Desta forma, concordamos com o autor que esta “conquista de mentes e corações” possam ser de grande utilidade pedagógica ao professor se este, imbuído dessas idéias, apresentar para seus alunos toda a riqueza que pode se constituir uma notícia televisiva.

2.3 DO USO DO TELEJORNAL NA EDUCAÇÃO

Ferrés (1996, p. 171) afirma que “É absurdo que entidades como a escola, a Igreja ou a família critiquem os efeitos perniciosos da televisão enquanto nada é feito para a formação de espectadores maduros, com espírito crítico e capacidade para uma utilização enriquecedora do meio. A televisão somente se torna nociva quando não se está preparado para assistir a ela.”. Diante dessa afirmativa é relevante considerar que as instituições, de forma geral, necessitam, portanto, preparar e formar sujeitos críticos reflexivos, pois, retomando Chadwick (1985) cada indivíduo há de aprender a construir sua visão pessoal, desenvolvendo assim uma organização mental para a reflexão crítica da informação, buscando processos próprios para elaborar a notícia recebida.

Artur da Távola (1984) ao defender o uso de uma TV não didática para fins didáticos, afirma que

Para o uso didático de uma televisão não didática, mas lúdica e atraente, não se trata de fazer exclusivamente a análise do conteúdo dos programas. Trata-se também (“também” e não “em vez de”) de verificar qual é a dinâmica de comunicação empregada e a carga de elementos motivadores existentes em cada programa, independente de sua função ou missão didática, pois esta é a cultura típica da televisão, mercê da estimulação intrínseca, resultante de seus componentes eletrônicos. (TÁVOLA, 1984, p. 196)

Quando incorporamos a identidade de professor uma das primeiras perguntas que nos fazemos é “Que sujeitos queremos formar na sociedade que vivemos?”, se acreditamos que a TV é formadora de opinião, me faço outra questão “quem forma a TV preocupa-se com essa parcela da sociedade que está em formação?”, a professora e jornalista Cristiane Finger (2002, p.17) questiona em sua tese de doutorado “Qual a TV que queremos? Qual a TV que devemos ter? Qual a TV possível no sistema político-econômico atual? E a mais importante de todas as perguntas: Afinal, a quem pertence um canal de televisão?”. Quando trabalhamos estas questões com adolescentes, a percepção deles é imediata, apontam e debatem sobre as diferenças no tratamento jornalístico dado por diferentes veículos de comunicação de massa sobre um mesmo fato. Porém é preciso mediar essas discussões para que critiquem da melhor forma e percebam quais os motivos das diferenças existentes no tratamento das notícias veiculadas.

Umberto Eco (1976, p. 348) ressalta que não é o público que determina a qualidade da programação oferecida pela televisão, mas seu gosto é modelado e adaptado pelos produtores e donos das emissoras de TV, que, por sua vez, agem com o intuito de contentar o maior número de anunciantes possível. Quando um determinado produto é anunciado em determinado horário e programa, para determinado público-alvo, maior a satisfação do anunciante, pois suas vendas tendem a aumentar.

A TV portanto, sabe que pode determinar os gostos do público sem necessidade de adequar-se supinamente a eles. Em regime de livre concorrência, ela se adequa, sim, a uma lei da oferta e da procura, mas não em relação ao público, e sim ao comitentes: educa o público segundo os intentos dos comitentes. Em regime de monopólio, adequa-se à lei da oferta e da procura face ao partido no poder. (ECO, 1976, p. 348)

Joan Ferrés (1996) defende o uso dos noticiários utilizando uma metodologia que tenha como finalidade a compreensão dos telejornais como “um discurso”, e defende uma avaliação dos noticiários em outros panoramas, e um deles é a “espetacularização da realidade”. Ainda segundo Ferrés, o público interessa-se pelas informações, quando estas são espetacularizadas, “Uma das fórmulas mais eficientes de espetacularização da realidade consiste no estilo narrativo das notícias, na sua dramatização, apresentando-as como histórias mais ou menos conflitantes” (FERRÉS, 1996, p. 154), porém existem outros fatores que influenciam na condição do interesse como a proximidade da notícia em relação aos interesses, preocupações e inquietações dos espectadores. “As notícias interessam mais quanto mais diretamente afetam o espectador, quanto mais próximas forem sentidas tanto do ponto de vista geográfico, quanto do psicológico ou cultural.” (FERRÉS, 1996, p. 155).

Machado da Silva, em palestra ministrada no IX Seminário Internacional de Comunicação na PUCRS (2007), citando Guy Debord afirma que um espetáculo “é a relação social entre pessoas mediada por imagens”, pois segundo ele, para Balzac, “o lema dos jornalistas é: tudo que é provável é verdadeiro” e por conseguinte surge a hiperespetacularização que a mídia faz dos fatos ocorridos. Machado da Silva completa que é “utopia acreditarmos em um processo jornalístico menos hiperespetacular”. Porém, se o corpo docente estruturado e preparado para o envolvimento da educação com uma proposta de análise dos noticiários, com nossas crianças e jovens, é possível uma educação para essa mídia (hiper)espetacular, a fim de que seja vista de forma coerente com a sociedade em que vivem, assistindo aos telejornais e a toda grade de programação da televisão aberta sem riscos à integridade psicológica dos mesmos. Todavia, é preciso a capacitação dos professores para

este trabalho, que deve ser feito com seriedade, pois se o “telejornalismo é uma instituição social e uma forma cultural” (GOMES, 2007, p.1), mudar a forma de vê-los requer um mínimo de cuidado para não desconstruir verdades.

Ferrés (1996) refere que a forma como os fatos são noticiados é unicamente a visão que os autores (jornalistas) possuem da realidade, portanto numa análise comparativa de um mesmo fato, pela ótica de diferentes emissoras, torna-se um “exercício imensamente enriquecedor, que permite extrair conclusões sugestivas tanto do ponto de vista ideológico quanto expressivo”. (FERRÉS, 1996, p. 160).

2.3.1 Propostas/metodologias de trabalho com telejornal em sala de aula

Nesta etapa do projeto, pretendemos fazer uma coletânea de propostas e metodologias de trabalho com telejornal em sala de aula. Para tanto usamos as propostas de metodologias de Artur da Távola (1984) e Joan Ferrés (1996), descritas nos livros *A Liberdade do ver: televisão em leitura crítica* e *Televisão e educação*, respectivamente. O primeiro autor nos traz uma proposta de análise dos “cursos” da comunicação, auxiliando o professor no momento da leitura crítica dos programas veiculados na televisão. Mesmo não sendo uma proposta construída com o propósito da análise de telejornais, ela se adapta de forma considerada consistente para essa finalidade.

A leitura da comunicação é sempre complexa. Durante anos busquei uma forma de ler comunicação sem confundir seus vários planos e concomitâncias até fazer-se-me claro que todas as palavras formadas por prefixos da palavra “curso”... (no sentido de algo que corre para; que vai na direção de) definiam a integralidade do processo da comunicação. A sabedoria natural do idioma de há muito adivinhara e propusera um método. Não foi, portanto, uma invenção mas uma descoberta... As oito palavras são: o discurso, o decurso, o recurso, o incurso, o excurso, o percurso, o concurso e o transcurso. Elas permitem compreender e interpretar o fenômeno na sua globalidade, concomitância e interpretação ao mesmo tempo contraditória e complementar. (TÁVOLA, 1984, p. 253)

Távola (1984) divide este método de análise em oito elementos constitutivos a saber

1) Discurso. Para o autor este elemento “Caracteriza-se por ser o instrumental verbal ou imagístico utilizado pela comunicação para “correr” do emissor ao receptor. Seus signos são invariavelmente reveladores da ideologia de ambos”. (Távola, 1984, p. 253);

2) Excurso. Távola refere que

o excurso é o que sai da comunicação e atinge o público. Parece-se com o discurso, sem o ser. O discurso é a fala racional da comunicação; já o excurso funciona como o espetáculo da comunicação. Toda comunicação tem um movimento, um ritmo, um andamento, um halo, um fascínio. Essa aura pela qual a comunicação brilha e refulge, seduz ou busca o receptor é o excurso... (TÁVOLA, 1984, p. 256);

3) O Incurso é o terceiro elemento proposto pelo autor:

O incurso é o que lateja e jaz no cerne da comunicação, embora preceda-a. Toda comunicação tem o seu caráter marcado pelo incurso; ele é um timbre interno; dos mais complexos intracomponentes de uma comunicação. O incurso não opera sobre o que é patente na comunicação, e sim com o que é latente ou jacente. Nele convivem, concomitantes e paralelas, a ideologia e a mitologia. (Távola, 1984, p. 259)

4) O Recurso para Távola (1984, p. 261), “o nome já diz, é um novo curso da comunicação sobre si mesma. É talvez, a mais utilizada das técnicas; confunde-se com a ênfase; e sua deterioração é a redundância. (...) O lado positivo do recurso é a facilitação, a didatização da mensagem.”;

5) O Decurso é o quinto elemento considerado relevante: “O decurso de uma comunicação é a sua dimensão temporal. É a forma pela qual se processa no tempo; não no tempo em geral e sim no tempo da própria, comunicação”. (Távola, 1984, p. 265);

6) O Percurso é o

elemento espacial que opera da mesma maneira que o decurso no plano temporal; qualquer comunicação tem um per/curso, vale dizer, um curso através do qual ela passa até chegar ao receptor; o percurso de uma comunicação está subordinado à tecnologia que o conduz e é por ela influenciado. (Távola, 1984, p. 270);

7) O Concurso é o sétimo elemento em que para Távola a

palavra concurso é polissêmica. Por qualquer dos sentidos que a tomemos, seja o de “correr com” (no sentido de “ao lado de”) seja no de “correr em disputa” (concorrer também quer dizer disputar), seja, ainda, o de “contribuir” (concorrer para que algo se dê ou aconteça), ela traduz um outro componente do processo comunicativo abandonado até os anos mais recentes, quando passou a ser estudado pela “estética da recepção” (verdadeira revolução na crítica literária) ou por técnicas hauridas da experiência das sociedades de mercado através das pesquisas de opinião e técnica de marketing. (Távola, 1984, p. 273-274);

8) O Transcurso é o último elemento que Távola considera “o mais complexo e profundo componente do curso da comunicação. Dá-se em dois planos: através da comunicação e acima dela. Na palavra “trans”, tanto há o sentido de através como o de superior”. (Távola, 1984, p. 276-277).

O autor ainda nos apresenta o “incurso ideológico” e o “incurso mitológico”, para que percebamos a ideologia que está incursa nas formas de ver uma notícia veiculada, a análise de cada signo envolvido que pode nos levar aos signos incursos. “A ideologia é um pensar que nos pensa, assim como o mito é um saber que nos sabe. (...) Somos pensados (até antes de nascer) pela ideologia que prepara as idéias e as palavras que tomaremos como verdade e usaremos na vida.” (Távola, 1984, p. 282)

Joan Ferrés dedica um capítulo de um de seus livros, *Televisão e Educação* (1996), à análise de noticiários. Inicia enfocando a importância de termos uma metodologia específica para a análise de noticiários. De acordo com o autor, uma análise deve ter como ponto de partida os quatro princípios a seguir:

- Partir da comunicação espontânea de reações: sensação de gostar ou de não gostar do que produziu, impressões que suscitou...
- Analisar se as notícias combinam ou não com os interesses do grupo.
- Observar o grau de inteligibilidade. As notícias são compreensíveis para um espectador médio? Por quê?
- Deduzir disso tudo uma primeira avaliação tanto do noticiário quanto dos próprios membros do grupo. (FERRÉS, 1996, p. 161)

O autor divide a proposta de análise em quatro blocos: a estrutura de um noticiário e a estrutura audiovisual; o interesse, a espetacularização e efeitos do noticiário; os fatos e opiniões expressas no noticiário; uma análise formal do noticiário (recursos visuais, sonoros e a montagem).

Ferrés (1996, p. 161-167) traz a estrutura do noticiário e estrutura audiovisual apresentando questionamentos a serem feitos na análise crítica, que interpretamos e aqui resumimos para que seja viável a construção de projetos pedagógicos a partir das idéias abaixo listadas.

- Quantas notícias foram apresentadas no noticiário?
- A proporção de notícias em cada bloco é adequada?

- Estabelecer comparação da estrutura do noticiário com a de qualquer espetáculo, as notícias que adotam o tom de um discurso, de uma discussão ou de um relato, analisando a estrutura interna de cada notícia considerada como relato conflitante ou dramático.

- Avaliar qual a importância e qual a função designada ao apresentador ou apresentadores do noticiário.

- Estabelecer relações entre o lead ou a apresentação e o corpo da notícia, se o mesmo informa o suficiente ou esgota a notícia.

- A ordem cronológica dos fatos é obedecida, tanto na narrativa visual quanto na sonora de cada notícia? Se não, qual a estrutura seguida?

- Qual a importância da imagem, do texto falado, da música e dos efeitos sonoros? Há uma proporção adequada entre todos esses elementos?

- Quais as relações que se estabelecem entre texto falado ou escrito? Qual é o elemento que sai ganhando?

- A notícia suscita emoções através das imagens e oferece informações por meio do texto verbal? Essa dissociação é produzida principalmente quando são usadas imagens de arquivo?

- Para avaliar o peso das imagens, perguntar-se quantas notícias não estariam no noticiário se não dispusesse de imagens sobre elas. Quantas não seriam notícia (ou seriam menos) no rádio ou no jornal? Como exercício final deste bloco, deveria se assistir ao noticiário (ou a uma parte do mesmo) sem trilha sonora, para tomar consciência da quantidade de informações que são perdidas.

Quando o autor propõe uma análise do interesse, espetacularidade e efeitos do noticiário apresenta as seguintes opções de questionamentos aqui resumidos:

- Quais foram os critérios usados para a escolha das notícias? Quais são as mais significativas?

- É possível comparar o tratamento dado a uma mesma notícia pelo jornal e pelo noticiário da televisão.

- Qual o nível de interesse das notícias e como esse interesse foi conquistado? Pela espetacularização? Pelo exotismo? Diante da proximidade geográfica?

- Qual a proporção entre o interesse das notícias e a sua duração?

Analisar até que ponto o espetáculo é incentivado por meio de uma série de recursos:

- Selecionar as notícias por critérios de impacto mais do que pela sua importância.
 - Procura, mais ou menos mórbida, de notícias relacionadas com a dor e a morte.
 - Narração das notícias, buscando a dramatização, as situações conflituosas.
 - Incorporação de músicas e efeitos especiais como mecanismos de gratificação sensorial e emotiva.
 - Uso da personalidade, da atração física ou uma certa mitificação dos apresentadores dos noticiários.
 - Avaliar até que ponto esses recursos dificultam, o tratamento das informações com profundidade.
 - Analisar o grau de violência das notícias. Distinguir entre violência física, verbal, psíquica, moral... Distinguir entre violência explícita e violência interiorizada. Avaliar o tratamento que lhe é dispensado.
 - Quais as necessidades do espectador que são satisfeitas pelo noticiário? A necessidade de informação? O voyeurismo, mais ou menos mórbido? A necessidade de gratificação sensorial, visual, auditiva? A curiosidade, a necessidade de novidade? A necessidade de certeza na novidade?
 - Analisar se é usado ou se há abuso do jornalismo de imprensa marrom ou de intrigas.
 - Ver se são usados outros recursos para interpelar o espectador, como o olhar do apresentador ou do personagem para a câmara, ao espectador.
 - Com que personagens do noticiário são estabelecidos mecanismos de identificação?
 - Sobre quais personagens do noticiário o espectador projeta outro tipo de sentimentos?
 - O que esses processos de identificação e projeção evidenciam? Quais as repercussões ideológicas ou éticas de tais processos? Eram esperadas pelos jornalistas?
 - Quantas notícias se tornarão assunto de conversa nas ruas? Quais? Por quê?
 - Quais os efeitos que as notícias provocam no espectador?
 - De que forma a sensibilização estimula a ação dos telespectadores sobre a realidade.
- A observação dos fatos e opiniões, segundo o autor, utiliza-se dos seguintes tópicos:

- Analisar aquelas notícias que, de um modo mais evidente, refletem a opinião pública e as que contribuem para criar opinião pública.

- Responder, em relação a cada notícia, às seguintes questões: quem diz o que, sobre o que ou sobre quem e por quê.

- Diferença entre representação ou testemunho dos fatos e a opinião dada ou a avaliação que é feita dos mesmos.

- Avaliações implícitas pela ênfase conotativa das imagens.

- Avaliações implícitas feitas por intermédio de elementos expressivos sonoros não verbais: música e efeitos.

- Avaliação inerente à ordem das notícias, à sua hierarquização e à sua duração.

- Fazer a distinção entre a denotação e a conotação devido à imagem em cada uma das notícias.

- Observar, em cada notícia, se é a imagem e/ou o som que cumpre a função principal de reproduzir o acontecimento e a função secundária de comentá-lo. Analisar como isso é feito em cada caso.

- Analisar as funções cumpridas pelo comentário. Ajuda a discernir o que é mais significativo na reprodução do acontecimento? Confere profundidade e complexidade à reprodução do acontecimento? Confere-lhe carga emocional, ênfase emotiva? Confere-lhe mais tendenciosidade interpretativa?

- No caso de notícias conflitantes observar se todas as opiniões estão representadas. Há equilíbrio informativo? São apresentadas, quando existem, todas as posturas divergentes?

- Analisar as atitudes adotadas diante de assuntos polêmicos: marxismo, movimentos de independência, etc.

- Analisar se há presença de maniqueísmos ou esquematizações na apresentação das informações, se há utilização de estereótipos, simplificações, se algum personagem é ridicularizado.

- Nos casos em que forem apresentados especialistas, analisar se cumprem uma função de informação e/ou de opinião.

- Imaginar o oposto de cada notícia, descobrir as elipses significativas, o que não é dito, o que é omitido...

- Realizar um debate a partir das notícias mais conflitantes.
- Avaliar no noticiário a presença de não-notícias: informações governamentais como viagens de ministros, fatos sociais...
- Analisar estatisticamente as palavras-totem dos políticos, as palavras mais repetidas e a sua significação.

O quarto bloco da divisão da proposta de análise de Ferrés (1996) a análise formal, constitui-se em três elementos: a análise dos recursos visuais, dos recursos sonoros e da montagem.

Ferrés (1996) ainda apresenta uma proposta de análise comparativa entre noticiários, desejando avaliar a opinião dos telespectadores, analisar qual dos telejornais se ajusta mais com os interesses pessoais dos sujeitos e porquê, e observar o grau de compreensão das notícias pelos indivíduos que assistem aos telejornais. Esta análise é disposta de quatro grupos de questionamentos, a saber:

Na estrutura do telejornal, Ferrés (1996, p. 165-166), sugere as seguintes propostas, resumidas aqui:

- Comprovar a duração de cada um dos noticiários e a quantidade de notícias oferecidas em cada um.
- Analisar a estrutura de cada noticiário, os blocos em que são estruturadas as diferentes notícias: internacionais, nacionais, culturais, esportes, tempo..., analisando o tempo dedicado a cada bloco e a quantidade de notícias que compõem em cada um dos noticiários.
- Comparar a importância da imagem e da trilha sonora em cada noticiário.
- Comparar em que proporção a imagem e o som cumprem respectivamente a função de reproduzir o acontecimento e de comentá-lo.
- Comparar a capacidade de cada um de usar uma linguagem sintética, evitando criar dissociações no receptor a partir do que é comunicado pelas imagens e pelo texto verbal.
- Comparar a importância dada ao apresentador ou apresentadores por cada noticiário.

Para analisar a atração dos telespectadores Ferrés (1996) propõe a avaliação do nível de interesse das notícias em cada um dos noticiários, utilizando as questões a seguir para analisar como é obtido esse interesse:

- Pelo vínculo existente entre as notícias e as preocupações do espectador.
- Pelo exotismo ou distância das informações.
- Pela quantidade de ação das notícias.
- Pelo enfoque mórbido das abordagens de temas relacionados com a dor e a morte.
- Pelo tratamento narrativo e personalizado das informações.
- Pela procura de dramatização e do conflito.
- Pela mitificação, a personalidade ou o poder de atração dos apresentadores.
- Pela incorporação de músicas e efeitos sonoros gratificantes.
- Pela incorporação de efeitos visuais gratificantes. (FERRÉS, 1996, p. 168)

E completa “avaliar, comparativamente, se a profundidade e a complexidade são sacrificadas em prol da espetacularidade” (Ferrés, 1996, p. 168).

Na análise da carga ideológica o autor afirma que essa análise “depreende da utilização de determinados recursos formais em cada um dos noticiários” (Ferrés, 1996, p. 168-169):

- O tratamento visual.
- O tratamento sonoro.
- A ordem. Carga ideológica derivada da ordem das notícias, da sua hierarquização.
- A duração.
- Os silêncios. Carga ideológica derivada do fato de que não sejam dadas algumas notícias ou alguns dados de algumas notícias.
- Comparar o grau de simplificação ou de complexidade com que as informações são apresentadas em cada caso, principalmente nas notícias mais polêmicas.
- Comparar, nas notícias polêmicas, o número de pontos de vista contrários ou complementares que são dados a conhecer em cada noticiário.
- Analisar a quantidade de notícias governamentais ou do partido do governo oferecidas em cada um dos noticiários. Compará-las com as que são oferecidas sobre os partidos de oposição.
- Se houver informações violentas, comparar o tratamento dado a elas em cada noticiário.

Quando Ferrés (1996) apresenta a proposta sobre o tratamento formal das notícias veiculadas, ele divide em recursos visuais, recursos sonoros e interações, utilizando-se de questões técnicas sobre o telejornalismo:

- Observar se há diferenças significativas na utilização de recursos formais visuais: posição da câmara em relação aos personagens, tomada de planos, composição, angulação, iluminação, movimentos de câmara, cor, truques...
- Analisar a importância conferida, em cada caso, à ambientação, à cenografia, ao ambiente físico, à criação de um espaço comunicativo: o estúdio com seu cenário, o número de câmaras... (...)
- Observar se há diferenças significativas na utilização de alguns recursos formais sonoros (...)
- Diferenças nos diversos noticiários no que se refere a música (...)
- Diferenças nos diversos noticiários quanto aos efeitos sonoros (...)
- Avaliar com que frequência e eficiência é usado o som direto, de ambiente em cada noticiário.(...)
- Analisar como cada noticiário funciona no referente ao dinamismo, ao ritmo. Avaliar a sua adequação às necessidades do espetáculo, mas também às de compreensão e de profundidade no tratamento. (FERRÉS, 1996, p. 169 - 170)

Tendo apresentado as propostas de Távola (1984) e Ferrés (1996), consideramos importante apresentar também as idéias em formação de dois professores universitários. A primeira idéia é da professora Itania Maria Mota Gomes, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta acredita que o “telejornalismo é uma instituição social e uma forma cultural” (GOMES, 2007, p.1), assim desenvolve, com um grupo de pesquisa na UFBA, uma perspectiva teórico-metodológica para análise de telejornais.

A tarefa do analista [telespectador], nesse sentido, não é buscar na programação televisiva os exemplos de gênero, nem construir classificações e tipificações, de resto pouco úteis diante da diversificação de formatos dos programas jornalísticos televisivos, com forte hibridização, mas é a de compreender como especificidades e regularidades configuradas pelo gênero televisivo se realizam em cada programa concreto. (Gomes, 2007, p. 28)

Frente a citação da pesquisadora, é possível inferir que suas idéias analíticas convergem para as propostas de Ferrés, contribuindo desta forma para possíveis projetos pedagógicos a serem desenvolvidos pelos docentes junto aos estudantes.

A segunda idéia é do Professor Vitor Necchi, da Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, que publicou com seus alunos de Jornalismo, no Projeto Experimental em Jornal, Educando para a mídia, um editorial dedicado a comunicação para a educação, o qual transcrevemos abaixo, uma parte de seus objetivos:

O objetivo desta publicação é abrir espaço para o questionamento da qualidade e validade dos discursos da mídia. Ter consciência de que programas, reportagens ou anúncios dizem somente parte da verdade. Compreender qual o contexto das

informações. Saber das inúmeras manifestações – políticas, culturais e sociais – que não aparecem nos grandes veículos.

Esse olhar só se consegue com educação. Discutindo, debatendo, ensinando. Incitando a curiosidade de querer saber mais, sair do comum, ser menos ingênuo. Por isso essa reunião de textos sobre crítica da mídia. Uma breve provocação a um debate que deve ser constante, aprofundado cada vez mais. (NECCHI, 2006, p. 2)

Percebe-se que os profissionais em comunicação também se preocupam com a questão da educação, apesar de ainda estarem iniciando uma problemática sem o devido apoio pedagógico para melhor orientá-los. No entanto consideramos ser este um primeiro passo na construção de projeto para a união entre os cursos de Pedagogia e de Comunicação. É relevante, no entanto, considerar que os cursos de comunicação podem encontrar grande apoio no curso de Pedagogia Multimeios e Informática Educativa.

3 DA ANÁLISE

Acreditando que houve cumprimento das quatro etapas metodológicas que nortearam esta pesquisa bibliográfica, o presente capítulo vai procurar elaborar a quinta e última etapa da metodologia, a saber, “a síntese coerente e concisa que esclareça sobre a problemática e possibilite descobrir ligações do assunto com outros problemas para ampliação da visão” (AZEVEDO E SOUZA, 1999).

Tento apresentado as propostas metodológicas de Távola (1984) e Ferrés (1996) passamos a seguir à interpretação dessas propostas em situação concreta de sala de aula.

TÁVOLA

Vantagens, procedimentos pedagógicos de Távola (1984):

Távola (1984) apresenta uma proposta de leitura crítica da comunicação televisiva em geral, não tratando especificadamente do telejornal. Porém a metodologia de análise dos “cursos concomitantes”, proposta pelo autor, “permite a integração até de “leituras” diversas do processo da comunicação, sempre dependentes da precedência dada a um de seus elementos constitutivos” (1984, p. 252), podendo assim ser aplicada a diferenciados produtos televisivos, o que inclui o telejornal.

É preciso estudar previamente com os discentes cada “curso” da comunicação, pois os elementos são facilmente confundidos uns com os outros.

Consideramos que a proposta de Távola (1984) envolve um todo do processo educação/mídia na interpretação abaixo:

Discurso é o estudo do verbal e de sua ideologia e como se processa nas suas diversas linguagens. Este é o momento de trabalhar com os alunos a linguagem verbal e escrita nas

notícias, podendo comparar o discurso da mesma notícia num jornal impresso e num telejornal. O excurso representa como foi comunicado o discurso. Concordamos com o autor de que o excurso é o “espetáculo” no qual os alunos podem interpretar notícias fazendo o papel dos âncoras de diversos telejornais. O incurso é o controlador daquele que emite a mensagem, sendo dois, o incurso mitológico e o incurso ideológico, como já explicitamos anteriormente. Para trabalhar a compreensão do incurso é preciso que os alunos tenham oportunidade de analisar o mesmo acontecimento por mais de uma emissora televisiva, podendo assim estabelecer comparações e análises críticas sobre a ideologia de cada empresa. Constituindo-se numa nova perspectiva de comunicação se caracteriza o recurso, momento de reflexão dos estudantes de como foi efetuada a comunicação até então. O decurso passa a ser a dimensão de tempo em que se constitui o processo comunicativo. Nesta etapa os alunos podem apreender a sintetizar, a controlar o espaço/tempo, não se perdendo em detalhes, mas atendo-se ao fato em questão. Exemplificamos a possibilidade de fornecer textos diversos para sua transformação em notícia. O percurso é o caminho a ser percorrido pela informação envolvendo meios e códigos utilizados pelo emissor e pelo receptor e de forma esses meios influenciam na mensagem, para melhor compreensão dos alunos, é possível a visualização de dois ou mais telejornais e analisar quais notícias foram ilustradas com imagens estáticas ou vídeos, entrevistas ou somente o âncora ou repórter de rua. O concurso que apresenta sentidos diversificados conforme Távola (1984) seria a estética da recepção, estudando a relação entre o comunicado e seu receptor. Nesta etapa é possível estudar com os alunos a forma pela qual a mensagem atravessa o canal entre emissor e receptor analisando como a mensagem será recebida. Um exemplo para motivar o grupo seria estabelecer o processo do “telefone sem fio”. O transcurso, como refere o autor, é o envolvimento “através da comunicação e acima dela”, quando a comunicação se dá ao ponto de atingir um objetivo superior ao esperado inicialmente. O professor neste momento pode instigar seus alunos a estabelecer uma

comparação entre as emissoras de grande recepção e inferir questionamentos sobre o que uma determinada notícia veiculada por ambas pode motivar a sociedade como um todo a agir de forma inesperada.

Estabelecida a análise dos elementos e objetivo de Távola (1984) passamos à análise das propostas pedagógicas e midiáticas de Ferrés (1996).

FERRÉS

No capítulo que Ferrés (1996) trata da análise crítica dos noticiários, o objetivo do autor é propor um caminho para que as pessoas compreendam os noticiários como um discurso, através da superação dos mitos da objetividade das imagens e das informações veiculadas, ou ainda a visualidade da televisão como “uma janela aberta para a realidade”. Porém esta análise não é uma atividade corriqueiramente realizada, seja pela família, ou pela escola, dificultando o alcance desse objetivo. Acreditamos que, mais uma vez, cabe à escola iniciar este trabalho desde a infância, a fim de que tenhamos jovens e adultos cada vez mais reflexivos e responsáveis na sociedade que vivemos.

O autor afirma que é preciso analisar o noticiário como um todo, partindo de vários de seus aspectos, como a quantidade de notícias apresentadas, a quantidade e qualidade das manchetes, a divisão das mesmas em blocos, a importância destinada a cada seção, a hierarquização na apresentação das notícias. Sugere uma abordagem da estrutura audiovisual do noticiário, através de algumas questões a serem analisadas e discutidas, entre tais questões, estão distinguir as partes do noticiário ao vivo daquelas anteriormente gravadas, comparar a estrutura de uma telejornal com qualquer outro programa veiculado pela televisão. Porém, é preciso que o orientador dessa análise tenha conhecimentos prévios sobre os elementos constitutivos de televisão, jornalismo e principalmente de educação.

Consideramos a proposta de análise de Ferrés (1996) a mais completa e oportuna para a aplicação em sala de aula. Certamente, esta proposta há de ser adaptada às condições da escola, do tempo, e da turma para sua aplicação mais adequada.

A vantagem da proposta de Ferrés apresenta uma intenção de interdisciplinaridade, sugerindo integração e participação das diversas disciplinas na aprendizagem/alfabetização audiovisual/midiática. Isto pressupõe o desenvolvimento de uma atividade que contempla, tanto a mídia, quanto a educação, numa proposta, como já referimos, interdisciplinar que certamente irá beneficiar sobremaneira uma aprendizagem mais significativa.

Os questionamentos e objetivos apresentados neste trabalho por Ferrés (1996) são passíveis de uma análise no sentido de desenvolver no estudante uma reflexão sobre cada questionamento e objetivos propostos desenvolvendo desta forma um pensamento crítico frente ao noticiário apresentado pela televisão.

Resgatando Finger (2002), é possível motivar uma “cadeia de raciocínio” justificando e persuadindo o jovem de que se torna cada vez mais relevante estabelecer essa reflexão crítica para que o que era suposição se torne realidade.

Exemplificamos abaixo uma notícia defendida por Finger (2002) buscando adequá-la a alguns questionamentos e objetivos propostos por Ferrés (1996).

Exemplo de reportagem para adaptação

Imagem	Som
Apresentador	A morte do dono de uma farmácia e de um vigia revela uma nova realidade./ A violência se torna rotina até para as crianças./ Os dois foram assassinados numa rua movimentada de Porto Alegre./ O enterro foi esta tarde.///
O texto é coberto com imagens	A cavalo, os colegas de CTG acompanharam o cortejo do corpo do comerciante e tradicionalista Almir Ramos./ Almir era dono desta farmácia assaltada ontem pela décima quarta vez, em três anos./ Ele e o vigia correram atrás do bandido./ Foram baleados por um segundo assaltante./ Ficaram caídos na calçada./ A mulher do comerciante se desespera ao ver o marido assassinado.///
Sonora com mulher	“Cadê a nossa segurança?/ Cadê a nossa segurança?”
Boletim de passagem – A repórter aparece	A uma quadra da farmácia onde os dois homens foram mortos ontem a noite, a tragédia é o assunto nas salas de aula desta escola do bairro./ Hoje os livros infantis foram trocados por histórias de violência.//
O texto é coberto por imagens	Algumas crianças ouviram os disparos.//
Enquete com as crianças	“Ouvi um tiro bem forte”; “Fiquei apavorado”; “Achei triste”
O texto é coberto por imagens	O medo vira questionamento.//
Sonora com professora	“Como eles mesmo dizem: professora, daqui a alguns anos não vais mais haver segurança prá nós./ Os bandidos vão tomar conta da nossa cidade./ O policiamento cada vez está menor”
Sonora com menino	“Eu fico com medo quando dá esses tiroteios aí./ Quando vê pode ser eu ou alguém da minha família.”

Fonte: Adaptação da autora de Finger (2002), Tese de Doutorado: TVs públicas & TVs privadas: ética e ideologia no controle dos meios de comunicação.

Questionamentos selecionados da proposta de Ferrés (1996) e aplicado para uma turma após assistirem à notícia acima:

- A notícia suscita emoções através das imagens e oferece informações por meio do texto verbal? Essa dissociação é produzida principalmente quando são usadas imagens de arquivo?

- Qual a proporção entre o interesse das notícias e a sua duração?

Analisar até que ponto o espetáculo é incentivado por meio de uma série de recursos:

- Incorporação de músicas e efeitos especiais como mecanismos de gratificação sensorial e emotiva.

- Avaliar até que ponto esses recursos dificultam o tratamento das informações com profundidade.

- Analisar o grau de violência das notícias. Distinguir entre violência física, verbal, psíquica, moral... Distinguir entre violência explícita e violência interiorizada. Avaliar o tratamento que lhe é dispensado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já dispomos neste trabalho, partimos de leituras e construções sobre a mídia e a educação e percebemos que os telespectadores de telejornais precisam urgentemente de uma educação voltada para a mídia e com o uso da mídia, para que técnicas de análise como as de Távola e Ferrés façam parte do cotidiano das famílias e das salas de aula.

Neste momento retomamos os objetivos traçados e visualizamos o que deles emerge.

Verificamos que os autores Ferrés (1996) e Távola (1984) propõem a utilização da programação da televisão aberta em sala de aula para a reflexão crítica, comparando formas de notícias veiculadas. As análises efetuadas no quarto capítulo deste estudo apresentam o atingimento do objetivo uma vez que foi possível reconhecer que a televisão pode influenciar pessoal e socialmente seu público. Trazê-la para uma situação de ensino e de aprendizagem é uma forma contemporânea e dinâmica de proporcionar aos alunos uma aprendizagem mais significativa e coerente com a realidade vivenciada por eles.

Estudar esta temática tornou-se uma aprendizagem também significativa para nós, uma vez que acreditamos que os multimeios são condizentes com a vida pessoal, social e cultural de cada indivíduo.

Possuindo a televisão um caráter impactante ela é visual, verbal e dinâmica pois se estamos vivenciando momentos de velocidade é neste ambiente que o aluno transita na sua vida, assim trazê-la para dentro da sala de aula é prolongar e oportunizar uma realidade mais próxima do existencial.

Reforçamos a afirmativa de Rahde (1997) de que

O cotidiano dos jovens se encontra cada vez mais repleto de idéias, mas frequentemente, elas estão alijadas do mundo da sala de aula, um lugar que, muitas vezes, permanece indiferente às posições da vida sem uma preocupação maior com processos de ensino da realidade e os seus resultados. (RAHDE, 1997, p. 58)

A autora ainda afirma de que o professor sem ignorar seu crescimento profissional há de considerar relevante o conhecimento e a aprendizagem deste meio conduzindo seus alunos a uma nova “gramática” da linguagem verbal e iconográfica da televisão (Rahde, 1997).

O professor precisa construir o seu conhecimento e participar criticamente dessa construção para uma visão de maior qualidade proporcionado um processo educacional em que seja possível a formação do sujeito crítico e criativo, conforme Demo (1994).

Diz Moran (1991) que educar para a comunicação é uma forma de orientar o estabelecimento de novas relações simbólicas acrescidas à análises teóricas.

Jaeger (1995) considera que na educação é importante a generalização de possibilidades pedagógicas quando o professor conhece a realidade dos seus alunos.

A leitura de Paulo Freire (1979) nos fez perceber que cada indivíduo age como um fragmento da sociedade, integrando e atuando de forma crítica e justa no processo da construção de seus conhecimentos, refletindo na sociedade em que vive. Pressupõe-se que um sujeito pode influenciar o outro na forma como assiste a determinados programas televisivos, seduzindo-o na apreciação ou não da programação veiculada. É neste momento que se torna relevante o papel do Pedagogo Multimeios no estabelecimento da motivação para uma análise crítica/reflexiva daquilo que pode beneficiar e/ou prejudicar os valores culturais, éticos, morais do telespectador. Por esta razão o Pedagogo Multimeios estar em formação continuada é uma necessidade que se impõe.

Resgatamos a ponderação de Kemmis, quando diz que refletir “... não é um processo mecânico, nem simplesmente um exercício criativo de construção de novas idéias, antes é uma prática que exprime o nosso poder para reconstruir a vida social, ao participar na comunicação, na retomada de decisões e na acção social” (KEMMIS, 1985 in: Perez Gómez, 1993, p. 103)

Frente essas considerações é inegável a afirmativa que toda pesquisa científica requer tempo, disponibilidade, procura de diversas fontes bibliográficas para encontrar situações aprazíveis para a busca de um desenvolvimento mais significativo dos nossos educandos. Esses fatores poderiam ter sido mais prazerosos, pois foram alguns dos fatores de limitações que todo o pesquisador observa ao final de um trabalho. Por esta razão consideramos que esta monografia é apenas o passo inicial que possa incentivar novas investigações para a utilização e a exploração dos multimeios na aprendizagem do sujeito em formação.

5 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. Vivaldo de. *Noções de jornalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Editora de Ouro, 1979.

AZEVEDO E SOUZA, Valdemarina Bidone de. *Pesquisa Bibliográfica*. Porto Alegre: 1995 (mimeo).

AZEVEDO E SOUZA, Valdemarina Bidone de. et al. *Utilização do computador em sala de aula*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992. (Cadernos EDIPUCRS 2)

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo. Os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BAUDRILLARD, J. *Da Sedução*. Campinas, Papirus. 1991.

BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. Coleção primeiros passos, Editora Brasiliense, São Paulo, 1995. - Émile Durkheim, citado por: Brandão, idem, p.71.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Jinkings, 1997.

CHADWICK, Clifton. *Estratégias cognitivas, metacognição e o uso dos microcomputadores em educação*. Rio de Janeiro: Tecnologia Educacional. 14 (66/67): 24-30, set/dez, 1985.

CITELLI, Adilson. *A escola e os discursos não-didáticos. Comunicação e educação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

CÔRTEZ, Helena Sporleder. Programação da TV Aberta - uma discussão pedagógica. In: Beatriz Dornelles. (Org.). *Brasil e Mundo no Século XXI - mídia em debate*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, v. , p. 197-214.

CÔRTEZ, Helena Sporleder. A sala de aula como espaço de vida: educação e mídia (o uso pedagógico da televisão). In: FERREIRA, Lenira Weil; (Org.). *Educação e Mídia: o visível, o ilusório, a imagem* (Cadernos Pedagógicos FAGED/PUCRS). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, v. , p. 27-42.

DEMO, Pedro. *Educação e Qualidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

DEMO, Pedro. O desafio de educar pela pesquisa na educação básica. In: *Educar pela pesquisa*. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

DEWEY, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Nacional, 1956.

DUARTE, Jr., João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. São Paulo: Papyrus, 2000.

DURKHEIN, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1976.

ENRICONE, Délcia (org.). *Ser Professor*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERREIRA, Lenira Weil (Org.). *Leituras: significações plurais: educação e mídia: o visível, o ilusório, a imagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FERRÉS, Joan. *Televisão e Educação*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.

FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. SANCHO, Juana Maria (Org.). In: *Para uma tecnologia educacional*: Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. p. 127-175.

FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Trad. Ernani Rosa e Beatriz Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOMES, Itania Maria Mota. *Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise*. E-Compós (Brasília), v. 8, p. 1-31, 2007.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KAMII, Constance. *A criança e o número: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos*. Campinas: Papyrus, 2000.

KEMMIS, S. Action Research and Politics of Reflection, 1985. In PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor. A formação do professor como profissional reflexivo. In NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 92 – 114.

LIBANEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO DA SILVA, Juremir. *Palestra ministrada no IX Seminário Internacional de Comunicação*. PUCRS, 2007.

MAGALDI, Sylvia. É possível educar para e com a TV? In MORAN, José Manoel e ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (Orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da educação, SEED, 2005, p. 128-132.

MALGLAIVE, Gerard. *Ensinar adultos*. Porto: Porto Editora, 1995.

MARTINO, Luiz Cláudio. De qual comunicação estamos falando? In HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARTINS, Joel. Pós-Graduação em Educação e Ensino como recurso para a transformação. In SERBINO, R. V., BERNARDO, M.V. (Orgs.). *Educadores para o século XXI: Uma visão Multidisciplinar*. São Paulo: UNESP, 1992.

MORAN, José Manuel. *Como ver televisão*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MORAN, José Manoel e ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini (Orgs.). *Integração das Tecnologias na Educação*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da educação, SEED, 2005.

NECCHI, Vitor. et al. *Educando para a mídia*. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor. A formação do professor como profissional reflexivo. In NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 92 – 114.

PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PERRENOUD, Philippe. *A Pedagogia na Escola das Diferenças. Fragmentos de uma sociologia do fracasso*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974.

PICCININ, Fabiana. *Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisao.pdf>>. Acesso em 01 nov. 2007.

PORCELLO, Flávio A. C. *Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da tv?* Famecos nº 14, Porto Alegre: PUCRS, 2005. (p. 35-41)

TÁVOLA, Artur da. *Liberdade do ver: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O telejornalismo entre o fato e suas representações. Ver o telejornal ou ver no telejornal? In: *Communicare*. Vol. 3, no 2-2o semestre de 2003 – ISSN 1676-3475.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Iconografia e comunicação: a construção de imagens míticas. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 19-29, 2002.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado; DALPIZZOLO, Jaqueline. *Considerações sobre uma estética contemporânea*. E-Compós (Brasília), v. 8, p. 1-16, 2007.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. *Exposição didática em sala de aula na disciplina de Comunicação Comunitária*, 2000.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Que Pode a Escola Diante do Fascínio da TV?* Série Idéias n.9. São Paulo: FDE, 1994, p. 53-62. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_053_a_062.pdf. Acesso em 28 jun. 2007.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WOLTON, Dominique. *Elogio ao grande público*. Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

Sites Utilizados

A *QUESTÃO é saber usar a TV sem ser usado por ela*. *REVISTA NOVA ESCOLA*, São Paulo, v. 13, n. 118, 1998. Disponível em: http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/118_dez98/html/repcapa3.htm. Acesso em: 25 mai. 2007.

CHAVES, Eduardo O. C. *A Tecnologia e a Educação*. Disponível em <http://4pilares.net/text-cont/chaves-tecnologia.htm>. Acesso em: 5 dez, 2007.

Televisão. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o>. Acesso em: 22 out. 2007.

Telejornal. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Telejornalismo>. Acesso em: 29 out. 2007.

ABERT. *Código de ética da radifusão brasileira*. Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, 1993. Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/codigoeticadaradiodifusaobrasileira.htm>. Acesso em: 14 out. 2007.

Teses de Doutorado

FINGER, Cristiane. *TVs públicas & TVs privadas: ética e ideologia no controle dos meios de comunicação*. Porto Alegre, 2002. (Tese de Doutorado).

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. *Os universos de Raymund e Druillet: Releitura de imagens e reflexões pedagógicas*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. (Tese de Doutorado)